



A Reconstrução do Cenário Rock Potiguar da Década de 1980 pela Oralidade do Radiodocumentário¹

Taiane Cristina de Medeiros SILVA²

Alessandra Souza CONSTANTINO³

Emily Gonzaga de ARAÚJO⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

O presente trabalho é um registro de um documentário sobre cenário musical alternativo na cidade de Natal/RN, especificamente sobre rock alternativo na década de 1980. São apresentadas algumas bandas que contribuíram para o rock potiguar, como Gato Lúdico, Alcatéia Maldita, Fluidos, Cabeças Errantes, Modus Vivendi, Devastação, Discarga Violenta, Auschwitz e Croskill. A reconstrução desta cena cultural é realizada em formato de radiodocumentário, elaborado a partir de pesquisa documental, bibliográfica (formulação do referencial teórico) e entrevistas em profundidade com fontes orais.

PALAVRAS-CHAVE: BRock. Rock Potiguar. Radiodocumentário. Anos 80.

1 INTRODUÇÃO

Instantaneidade, entretenimento, informação, educação e companhia. Esses e outros atributos compõem as principais características do veículo de massa mais popular do país: o rádio. Segundo Robert McLeish (2001), os radialistas transmitem a cada minuto milhares de palavras, num esforço para informar, educar e entreter, fazer propaganda e persuadir os espectadores. Tendo o áudio como único recurso, despertar a atenção e o imaginário da sociedade não é tarefa fácil. A voz, a música, os efeitos sonoros e o próprio silêncio são os recursos utilizados para despertar a formação de imagens do ouvinte.

Considerando a importância do rádio como veículo de informação, suas funções sociais e a predominância da música nas emissoras de frequência modulada (FM), este trabalho consiste em apresentar a construção do cenário musical rock natalense da década

¹ Trabalho apresentado no DT 5 – Rádio, TV e Internet do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de junho de 2015.

² Aluna líder do grupo e graduada do Curso Comunicação Social habilitação Radialismo da UFRN, email: m.taianecristina@gmail.com.

³ Graduada do Curso Comunicação Social habilitação Radialismo da UFRN, email: alessandraconstantino13@hotmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho, professora na Graduação (DECOM – Departamento de Comunicação Social), email: gonzaga_araujo@yahoo.com.br.



de 1980, através da oralidade como fonte essencial de consulta e informação do período estudado.

Os anos 80 foi o período de ouro para a música brasileira, pois neste momento a juventude manifestou significativamente nas artes a insatisfação política e social que sentiam. Nesta década, o Brasil passava pelo fim da ditadura militar (1964-1985) e o processo de redemocratização do país. Embora o término da ditadura tenha acontecido só em 1985, no fim dos anos 70 já poderia se prever esta mudança do cenário político, visto que naquele contexto global este modelo já não cabia mais para os interesses políticos e econômicos do país.

Em relação à cultura jovem, o pessimismo político se tornou evidente nas manifestações artísticas. Musicalmente foi um período inovador para o rock brasileiro. Com a saída da ditadura e a explosão da cultura de massa, a juventude desta década vivenciou os diversos gêneros musicais que foram consolidados como new wave, punk, heavy metal, rock performático (teatral), rock alternativo, MPB, entre outros. No Brasil, a discoteca dava lugar ao BRock, denominação de Nelson Motta para o rock brasileiro que despontava no cenário musical (AZEVEDO, 2012, p. 15).

Na cidade do Natal o cenário rock alternativo era tímido se comparado as grandes capitais, mas tinha força e se fazia presente em festivais, bares e até em loja de discos, como é o caso do gênero heavy metal. Embora tivesse força, infelizmente na época não havia estrutura para registrar esse momento de efervescência cultural da cidade. Assim, como devido à escassez de registros históricos daquela época, construímos um documentário radiofônico intitulado: *Contanto Rock: radiodocumentário sobre o cenário rock alternativo nos anos 80 em Natal*.

Nossa intenção com este projeto foi apresentar os artistas musicais daquela época e descrever um pouco do contexto cultural da Natal oitentista através dos relatos das próprias bandas. Para isso, foi utilizada a metodologia de entrevista em profundidade. E a partir das informações colhidas, estruturamos o documentário de forma que as próprias fontes contassem a história. Podemos afirmar, a partir dos depoimentos, que a cena rock alternativa em Natal foi expressiva e importante para consolidação da música da cidade. Eram exploradas novas performances e sonoridades, refletindo a expressão dos jovens natalenses após a ditadura e confirmando efervescência do rock brasileiro na década de 1980.



2 A CONTRIBUIÇÃO TÉCNICA DA ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE NA PRÁTICA DO RÁDIODOCUMENTÁRIO

Dentro da área de Comunicação Social, a entrevista em profundidade seria semelhante à História Oral. Guardadas suas diferenças no que concerne às diretrizes de pesquisas, ambas tem como foco o desbravamento de informações até então não registradas. Segundo Jorge Duarte (2010) a entrevista em profundidade é um recurso metodológico que visa recolher respostas a partir das experiências subjetivas de uma fonte relacionada à pesquisa em questão. Este tipo de entrevista é muito útil em estudos do tipo exploratório que tratam de conceitos, percepções ou visões, pois ampliam o poder de análise da situação e também buscam mapear, descrever e focar aquele determinado contexto. No entanto, ela não é indicada para pesquisas que queiram estabelecer relação de causa e efeito.

A entrevista em profundidade pode ser classificada como: aberta, semi- aberta ou fechada. A aberta é aquela que é realizada a partir de um tema central com questões não estruturadas. A semi- aberta, que é a tipologia que utilizamos neste projeto, parte de um roteiro pré-estabelecido com perguntas que servem de orientação durante a entrevista. E a entrevista fechada é aquela que apresenta um caráter quantitativo, com perguntas mais estruturadas, a fim de obter respostas mais precisas.

Para alcançar estas informações, deve-se conhecer bem o universo do entrevistado. Antes de se encontrar com a fonte, é preciso imergir no mundo a ser pesquisado e ao se encontrar com ela é preciso imergir ainda mais. Para que se obtenha um bom resultado, recomenda-se uma pré-entrevista com a fonte selecionada, pois é a partir da pesquisa prévia e desta pré-entrevista, que o pesquisador chegará as perguntas que o levará a informações inéditas. Visto que, quanto mais intimidade com o tema o entrevistador tiver, mais seguro ele estará ao fazer suas perguntas e mais a vontade o entrevistado se sentirá em respondê-las. Nosso intuito com este projeto é expor as informações e construir um cenário histórico com os dados colhidos através da técnica da entrevista em profundidade. É comunicar por meio dos depoimentos das fontes orais, as informações de extrema relevância sobre o cenário musical rock de Natal na década de 1980. É cumprir, segundo Robert McLeish (2001), a função do documentário no rádio, entreter, informar, esclarecer e instigar novas ideias:



A principal vantagem do documentário sobre a fala direta é tornar o tema mais interessante e mais vivo ao envolver um maior número de pessoas, de vozes e um tratamento de maior amplitude. É preciso entreter e ao mesmo tempo informar, esclarecer e também estimular novas ideias e interesses. MCLEISH, 2001,p.192).

Assim, pretendemos resgatar uma parte importante dentro da história musical de Natal, apresentar aquele momento e disseminar esta informação através da linguagem radiofônica: clara, objetiva e direta. Os resultados foram sistematizados e divididos em categorias. No caso do documentário, a divisão foi realizada com base nas categorias em bandas que fizeram parte do cenário rock de Natal na década de 1980, classificada dentro dos seguintes subgêneros musicais: rock alternativo, punk rock e Heavy Metal. Dentro destas três categorias escolhemos as principais bandas de cada subgênero e a partir do material colhido selecionamos os melhores trechos para a produção do radiodocumentário.

3 O CENÁRIO ROCK DE NATAL E SUAS FORMAS DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA NA DÉCADA DE 80

O rock brasileiro nos 80 foi um marco histórico tanto pela originalidade de estilos musicais que surgiram quanto pela utilização da música como forma de contestação de valores. Enquanto algumas bandas optaram pela influência pop como os grupos Blitz! e Kid Abelha, outros usavam a política e a sociedade como fortes influências nas composições musicais como Legião Urbana, Barão Vermelho e a Plebe Rude. Em Natal, a contestação política não estava presente no *mainstream* e a sociedade potiguar ainda frequentava as boates populares onde se tocava discoteca e os covers do iê-iê-iê. Mas como estava o cenário rock na cidade do Natal neste período tão efervescente da música brasileira? Como os jovens natalenses se expressavam musicalmente na redemocratização do país? Quais as principais bandas de rock alternativo na cidade e onde se apresentavam? Esses questionamentos irão compor o cerne desta pesquisa.

Responder estas e outras indagações é essencial para a compreensão do cenário cultural, musical e sociopolítico potiguar. Diante da falta de registros deste período, é essencial que haja o estudo sobre o rock alternativo e as suas manifestações na cidade. Esse gênero contribuiu para uma nova consciência política entre os jovens e para a difusão da música natalense com os primeiros compactos lançados.



No cenário politicamente camuflado da ditadura, a juventude natalense da década de 80, de modo geral, vivenciava a moda da discoteca e o iê-iê-iê da Jovem Guarda. O Brock também tocava nas rádios potiguares e, como em todo Brasil, fazia parte do *mainstream*. Alheio as danceterias e as festas de baile, havia uma parcela de jovens que faziam rock de maneira criativa e autoral. Por não terem atividades ligadas a grande indústria fonográfica e por fazerem sua autodivulgação e produção cultural, esse rock ‘n roll pode ser considerado alternativo, visto que não fazia parte da indústria de massa.

Dentro desse segmento podemos apontar o rock performático, o punk rock e o heavy metal. Bandas como Gato Lúdico, Fluídos, Alcateia Maldita, Modus Vivendi e Cabeças Errantes compunham o cenário para o rock performático potiguar. Havia a preocupação não somente com a qualidade e a estética sonora como também com a apresentação em palco, passando pela cenografia, iluminação e figurino. As bandas Fluídos (1982 - 1987) e Modus Vivendi (1986 – 2003) exploravam o uso da tecnologia em suas composições. Influenciados pelo rock progressivo, new wave, hard rock e heavy metal, os shows desses grupos contavam com performances energizantes e palcos com experimentalismo sensoriais de luzes e objetos.

Os festivais de arte que aconteciam na cidade foram importantes para a divulgação não somente do rock alternativo, como também da literatura, teatro e artes plásticas. O Festival das Artes ou Festival do Forte, como era popularmente conhecido, abrigava todas essas vertentes artísticas possibilitando maior contato entre músicos, pintores e demais artistas. Como o próprio nome sugere, esse evento acontecia a cada ano na Fortaleza dos Reis Magos, que fica na Praia do Forte em Natal. Outros festivais importantes foram o Festival da Mocidade, que acontecia na Cidade da Criança, e o Festival da Candelária, ambos culturalmente significativos para a divulgação das músicas autorais potiguares.

De maneira cronológica, o Fluídos surgiu depois da Alcateia Maldita e Gato Lúdico, foi contemporâneo do Cabeças Errantes, e antecedeu o pop rock do Cantocalismo e ao Modus Vivendi. O experimentalismo também abrangeu os atores do Grupo Gato Lúdico, que não se consideram uma banda, mas sim, “um grupo de atores que interpretam uma banda”. A primeira aparição pública foi 1982 no Festival de Música e Poesia da UFRN. No mesmo ano, participaram do Festival de Artes de Natal e logo o Gato Lúdico tocava em bares, teatros e clubes. Iniciaram da “arte pela arte”, mas com o tempo pode-se perceber um engajamento social nas letras e performances ao vivo.



Embora o país estivesse em clima de reabertura política, era comum que os artistas da época prestassem esclarecimentos sobre suas obras à Administração Federal. Roteiros, composições musicais e até mesmo peças teatrais, ainda eram revisadas e assistidas pelo governo. Tanto o Gato Lúdico como a banda Alcateia Maldita tiveram textos censurados e, no caso da Alcateia, também cartazes arrancados.

Sob os resquícios do regime, o punk rock natalense também marcava presença no rock alternativo. Devastação, Revoltados, O.R.S.A, Distorção Social eram grupos que caracterizavam o movimento. A banda Discarga Violenta foi formada por volta de 1986 pelos integrantes das bandas anteriormente citadas. A sonoridade era simples, com letras politicamente anárquicas e com batidas e arranjos rápidos. Os jovens se reuniam em sebos e lojas especializadas de rock no centro da cidade para troca de experiências. Havia a dificuldade para encontrar locais de ensaio, uma vez que o choque cultural era grande entre a música punk e a música de gêneros mais popularizados. Os festivais não eram muito receptivos em relação ao gênero, pois a apresentação estética (botas, tarrachas, jeans rasgado), a sonoridade (batidas rápidas, guitarra pesada e canto gritado) e a dança agressiva, intimidava os frequentadores dos eventos. Todavia, mesmo com esse empecilho os punks tocavam com os grupos de rock performático e heavy metal. A convivência entre os gêneros alternativos era harmoniosa e era comum que os músicos se conhecessem, visto que esse cenário cultural era concentrado em pontos distribuídos em Natal.

Com espaços para apresentações limitados, os punks natalenses se organizavam e realizavam seus próprios festivais de música com bandas oriundas da região e de outras localidades como Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo. O contato era realizado principalmente por carta e a divulgação dos shows era por panfletos ou oralmente. Mesmo sendo simpatizantes do anarquismo, os jovens punks potiguares tinham boas relações com os sindicatos sociais e promoviam eventos para produção de fanzines e realização de debates. Essa movimentação chegou a incomodar, resultando em batidas policiais e até mesmo, torturas.

Outro destaque para a cena alternativa na cidade era o *heavy metal*. Esse estilo ganhou força no Brasil com a realização do Rock in Rio que contou com a presença de grupos internacionais desse gênero como Iron Maiden, Ozzy Osbourne e AC/DC. Em Natal, as bandas Croskill, Sodoma, Metralion, Auschwitz, Hammeron etc. formavam a cena metal alternativa. Os jovens se encontravam na loja de discos Whiplash, considerada como o “point” dos roqueiros da cidade. As letras tratavam do existencialismo humano e trazia



arranjos mais elaborados musicalmente. Como não havia estúdio de gravação em Natal, os ensaios aconteciam na casa de amigos ou garagens.

Apesar da cidade do Natal não possuir uma indústria musical forte, os jovens roqueiros potiguares produziam seu próprio conteúdo e organizavam encontros e festivais. Antenados com o rock internacional e com os movimentos musicais em outras regiões do país, o rock alternativo em Natal foi culturalmente rico e original. A influência nacional e internacional existia, porém não podemos descartar o tom autoral e de original desses artistas. É por meio dessas manifestações culturais que podemos compreender melhor como parte da juventude natalense se expressava em tempos efervescência cultural no Brasil.

4 CONTANDO ROCK: O RADIODOCUMENTÁRIO

O documentário no rádio tem como base apresentar uma visão sobre determinado assunto através de pesquisas e depoimentos de pessoas que faziam ou fazem parte do contexto em análise. Segundo Robert McLeish, a essência do radiodocumentário é o ser humano:

Basicamente, isso tudo tem a ver com pessoas. Embora estatísticas e fatos históricos sejam importantes, o elemento crucial é o ser humano – deve-se, realçar a motivação e ajudar o ouvinte a entender por que certas decisões foram tomadas e o que faz se comportarem de determinada maneira (MCLEISH, 2001,p.192).

Este formato de programa de rádio surgiu por influência dos documentários feitos no cinema, no final dos anos de 1920. Por quase quatro décadas, os produtores de rádio usaram narradores para contar histórias ilustrando-as com música, efeitos sonoros e atores. Naquela época ainda não utilizavam depoimentos na construção dos documentários de rádio, pois os gravadores portáteis eram pesados e primitivos, o que dificultava a coleta de sons ambientais e de entrevistas fora do estúdio. Só nos anos de 1970, com o surgimento dos novos gravadores de fitas analógicas K-7, portáteis, baratos e com boa qualidade de som é que o radiodocumentário começou a apresentar os “sound pieces” (peças sonoras), nos quais as pessoas contavam suas próprias histórias.

Através de relatos, informações e música, registramos como era o cenário rock alternativo de Natal na década de 80. A mídia radiofônica proporciona ao espectador a compreensão e o reconhecimento desse registro histórico musical. A intimidade característica do rádio está ligada a força afetiva do relato, colocando os entrevistados como



os principais sujeitos informantes do tema. O radiodocumentário também explora todo o potencial de desvendar conteúdos baseando-se na oralidade. Segundo José (2003), a fala funciona como instrumento de repercussão ao revelar o desconhecido e expor informações que ultrapassam os limites do tangível. Portanto, diante da falta de registros históricos, nessa pesquisa, as fontes orais foram as principais referências do estudo e de montagem deste trabalho.

O radiodocumentário “Contando Rock”, através do resgate de relatos sobre as experiências vividas na década de 80, é um registro documental que certamente contribuiu para a memória potiguar sobre suas manifestações culturais.

5 METODOLOGIA

O projeto foi desenvolvido em três momentos. O primeiro foi a pesquisa sobre o tema através de artigos e arquivos de áudio e vídeo da Internet, busca de fontes orais e leituras de livros, com a finalidade de adquirir um conhecimento específico. O segundo momento foi a produção e finalização do radiodocumentário que contou com elaboração de roteiros abertos, agendamento de entrevistas e estúdio, seleção musical, narração e edição. Já o terceiro momento foi a elaboração do relatório como registro do processo de produção deste radiodocumentário.

O processo de realização deste radiodocumentário cumpriu três etapas: pré-produção, produção e pós-produção. Na pré-produção iniciamos um estudo sobre o contexto sociopolítico e musical dos anos 80 no Brasil e na cidade de Natal. Havia poucos registros também sobre o cenário sociopolítico de cidade e nenhum registro sobre a cena musical de Natal nos anos 80. Dessa forma, o único modo de obtermos informações, sejam elas sobre o cenário sociopolítico ou musical, era através de pessoas que vivenciaram aquele momento histórico, as chamadas fontes orais.

A busca pelas fontes que abordassem a temática sociopolítica de Natal na década de 1980 começou no departamento de história da UFRN. Já a seleção das fontes orais que vivenciaram a cena musical foi feita, a priori, de acordo com o registro sonoro dos grupos, pois nossa intenção era realizar o documentário apresentando os artistas bem como seu trabalho. Entretanto, no decorrer das nossas entrevistas, fomos conhecendo novos grupos que também tinham músicas registradas em EP's ou LP's. De forma geral, as fontes orais



consultadas neste trabalho foram: Vlamir Cruz (Cabeças Errantes), Carito Cavalcanti (Flúidos e Modus Vivendi), Renato Maia (Discarga Violenta), Lenilton Lima (participante do cenário cultural do bairro Candelária), Raul Andrade (Alcateia Maldita), Junior Avelino (dono do bar Whiplash e irmão de Luciano Avelino, fundador da loja de disco Whiplash), Mitchell Pedregal (Sodoma), José Evangelista Fagundes (professor de História e participante do cenário político estudado), D.D. Trash (Devastação), Carlos Lima (Gato Lúdico), Afonso Martins (artista gráfico e responsável pela arte de panfletos, cenários e cartazes) e Erinaldo Scott (Croskill).

Uma vez que já tínhamos os nomes das fontes orais, a próxima etapa foi a estruturação do roteiro de entrevista. Esse roteiro foi semiaberto, pois assim deixaríamos o nosso entrevistado livre para falar sobre o tópico questionado. Após essa estruturação entramos em contato com as fontes orais e agendamos as entrevistas.

No estúdio de áudio da UFRN, iniciamos as entrevistas com as bandas do rock performático de Natal. Nosso primeiro entrevistado foi Carito Cavalcanti, membro das bandas “Fluidos” e “Modus Vivendi”; depois Carlos Lima, da banda “Gato Lúdico” e em seguida Raul Andrade, do grupo “Alcateia Maldita” e Vlamir Cruz, membro da banda “Cabeças Errantes”. A entrevista com Vlamir foi realizada em sua própria casa, com auxílio de um gravador portátil.

Em seguida, começamos as entrevistas do segundo momento do radiodocumentário, o punk rock, sendo o primeiro entrevistado Renato Maia, membro da banda “Discarga Violenta”. O nosso segundo entrevistado do cenário punk rock natalense pediu para que fossemos ao seu trabalho, depois do expediente. DD Trash, membro da banda Devastação, trabalha em um sebo e disse que se sentiria mais confortável naquele ambiente. Fomos até lá e realizamos a entrevista com um gravador portátil, o mesmo que utilizamos na entrevista de Vlamir Cruz.

O terceiro e último momento do radiodocumentário teve a participação de Eri Scott, membro da banda de heavy metal natalense “Croskill”. Ainda no heavy metal entrevistamos Mitchell Pedregal, membro da banda Sodoma. Para complementar o cenário, dialogamos também com Junior Avelino, atual proprietário de um dos pontos de encontros dos amantes do heavy metal de Natal e também irmão do fundador da loja e do selo “Whiplash”, responsável por lançar a primeira coletânea do gênero com bandas de Natal.

A todos foram solicitados os áudios das músicas e registros impressos da época, para compor nosso registro.



No que concerne a pós-produção, começamos o trabalho de decupagem do material. Ao todo, foram cerca de oito horas de entrevistas. Com o material decupado, partimos para a construção do roteiro. Este foi escrito em conjunto de acordo com as informações obtidas pelos músicos.

Optamos por um formato padrão de documentário radiofônico, que apresenta vinheta de abertura, seguida de locução com um *BG*, intercalada com depoimentos e músicas (inteira ou trecho) dos artistas mencionados. Nossa intenção é apresentar de forma sucinta, um perfil sobre o cenário do rock alternativo de Natal nos anos 80, através dos relatos e das músicas das bandas que foram protagonistas desta cena. Para isso, estruturamos o roteiro na seguinte forma: locução, depoimento e música.

A seleção musical foi feita a partir da escuta do material doado pelos próprios músicos. Algumas bandas, não tinham muitos materiais. Desse modo, colocamos aquela única música que nos foi concedida. Quanto às bandas que tinham mais registros sonoros, escolhemos as músicas que mais se adequavam à fala do entrevistado.

As trilhas sonoras das vinhetas e o *BG* foram escolhidos a partir da relação com o contexto do programa. Para a vinheta de abertura, escolhemos músicas de bandas de rock nacional que estouraram nos anos 80 e que pertenciam aos subgêneros do estilo tratado neste programa. Assim, para ilustrar a sonoridade do rock da época, escolhemos trechos das músicas: “Geração coca-cola”, do grupo Legião Urbana, para representar o rock pop e performático nacional; a música “Nada”, da banda Olho Seco, representando o cenário punk rock e a música “Voz da Consciência”, da Harppia, que ilustra um pouco o cenário heavy metal brasileiro na década de 1980.

Pra ilustrar o cenário potiguar, elaboramos uma vinheta de apresentação com trechos das músicas: “Amor selvagem”, da banda Cabeças Errantes; “Racional”, da banda Devastação e “Echos of Reality”, da banda Croskill, a fim de introduzir o contexto do radiodocumentário. Quanto ao *BG*, selecionamos a música Joe’s Cadillac de Edu Gomez, adequada ao projeto dentro da nossa pesquisa musical. Durante o processo de edição, tivemos que realizar alguns ajustes necessários para adequar o programa no tempo de 1 hora de duração. Alguns trechos tiveram que ser retirados, mas isso não comprometeu narrativa do programa.



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, visamos lançar uma luz sobre um pouco da história de nossa cultura urbana, e da relação que muitas pessoas desenvolvem com a música alternativa. O rock'n roll, em sua criativa diversidade de estilos, tornou-se então o guia mais adequado para entender este universo. Mesmo tendo poucos registros sobre o contexto sociopolítico e cultural da Natal dos anos 80, persistimos no tema por entender a importância desta cena para os dias de hoje. A busca pelas fontes orais e o depoimento delas, nos fez questionar como poderia não haver nenhum registro de uma época cultural tão efervescente.

Ao longo do processo de produção, nos diálogos informais e nas próprias entrevistas, vimos que o cenário da música alternativa natalense daquela época também era marcada por muitas dificuldades e limitações. Eram os primórdios de uma cena musical estranha às práticas culturais tradicionais da cidade. Eram os primeiros passos, necessariamente corajosos, por um caminho aberto com imensa capacidade criativa.

A escolha desta temática possibilitou então uma compreensão mais clara dos desejos e problemas de jovens que tinham (e adultos que tem) o rock'n roll como um estilo de vida, uma identidade partilhada com outros semelhantes.

A técnica de entrevista em profundidade foi essencial para a reconstrução do cenário rock potiguar alternativo na década de 80. Com a escassez de registro, a oralidade das fontes se tornou fator primordial para a construção da memória natalense durante uns dos períodos mais importantes da história do Brasil, como a ditadura. Foi através dos relatos que possibilitamos a aparição destas histórias, esta profusão de sons e manifestações da rebeldia juvenil. Identificamos movimentos sociais, hábitos de consumo e lazer da época bem como as necessidades e anseios de uma camada juvenil da cidade. Tais observações são importantes para a formação histórica e compreensão de uma juventude artística e atuante musical e politicamente.

Este registro foi responsável por plantar novas sementes a partir dos frutos ainda produtivos daquela época. E acreditamos que fomos bem-sucedidas nesta proposta.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, Ricardo. **Dias de Luta: O rock e o Brasil dos anos 80**. 2ª ed. São Paulo: Arquipélago. 2013. 432 p.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. **As relações econômicas internacionais do Brasil dos anos 1950 aos 80**. *Rev. bras. polít. int.*, Brasília, v. 50, n. 2, Dec. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292007000200005&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 13 de nov de 2013 às 00h50min.

ARAÚJO, João Paulo, **Heavy Metal no Brasil: Música e desenvolvimento cultural dos jovens na década de 1980**. Monografia de Graduação. Rio Grande do Norte: UFRN, 2011.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003. 158 p.

BRANDÃO, Antônio Carlos. DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos Culturais de Juventude**. 2ª Ed. São Paulo: Moderna, 2004. 160 p.

CARITO, CAVALCATI. **Eis aqui meu atestado de orbita**. Disponível em <http://www.carito.art.br/?page_id=509>. Acessado em 30.set.2013 às 13h30min.

CÉSAR, Cyro. **Como falar no rádio: prática de locução AM-FM**. 8ª ed. São Paulo: IBRASA, 1999. 125 p.

DUARTE, Jorge. BARROS, Antonio. (Org.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2010. 408 p.

ENCARNAÇÃO, Paulo Gustavo da. **Brasil mostra tua cara: rock nacional, mídia e redemocratização política (1982-1989)**. Dissertação de Mestrado. Assis: UNESP, 2009. Disponível em: <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bas/33004048018P5/2009/encarnacao_pg_me_asis.pdf> Acessado em 10 de out de 2013 às 22h05 min.

FERRARETTO, Luiz Arthur. **Rádio: O veículo, a História e a Técnica**. 3ª ed. Doravante, 2007. 378 p.

JOSÉ, Carmen Lúcia. **História oral e documentário radiofônico: distinções e convergências**. Universidade São Judas Tadeu e PUC/SP: 2003.



MÜHLSTEDT, Lidiane. **Geração Coca-cola:** As representações da juventude e do seu comportamento no pop/rock dos anos 80. Monografia de Graduação. Paraná: UFPR, 2004. Disponível em: <http://www.historia.ufpr.br/monografias/2003/lidiane_muhlstedt.pdf> Acessado em 20 de nov de 2013 às 10h50min.

MCLEISH, Robert. **Produção em Rádio:** um guia abrangente de produção radiofônica. 3ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 2001. 243 p.

OLIVEIRA, Maria Érica. **Mídia Regional:** Indústria, Mercado e Cultura. Natal: Editora da UFRN, 2010. 256 p.

PEDREGAL, Hellangelo. **Rock in Natal.** Disponível em <<http://www.rockinnatal.blogspot.com.br.>>. Acesso em 25 set 2013 às 12h10min.

PRADO, Magaly. **Produção de Rádio:** Um manual prático. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. 186 p.

RAMOS, Eliana Batista. **Rock dos anos 1980:** A construção de uma alternativa de contestação juvenil. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2010. Disponível em:<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp139259.pdf>> Acesso em 11 de out de 2013 às 23h00min.

SOUZA, Antônio M. A. **Cultura rock e arte de massa.** Rio de Janeiro: Diadorim, 1995, p. 52.

VELOSO, Fernando A.; VILLELA, André; GIAMBIAGI, Fabio. **Determinantes do “Milagre” Econômico Brasileiro (1968-1973):** Uma análise empírica. Rev. Bras. Econ., Rio de Janeiro , v. 62, n. 2, June 2008 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71402008000200006&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 02 out 2013 às 22h40min.